

# GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

**Director:** — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 21

Novembro — 1882

1.º anno

## Emygdio de Oliveira (Spada)

A *Galeria Republicana* dá hoje na sua primeira pagina o retrato de mais um lutador republicano pertencente a essa pleiade audaciosa de titans, que, tendo a necessaria energia para romper com o preconceito e, muitas vezes até, com as proprias conveniencias, se lançam ao combate, intrepidos, destemidos, propagando principios reformadores contra o immenso absurdo porque nos regemos ainda hoje, nos, os portu- guezes.

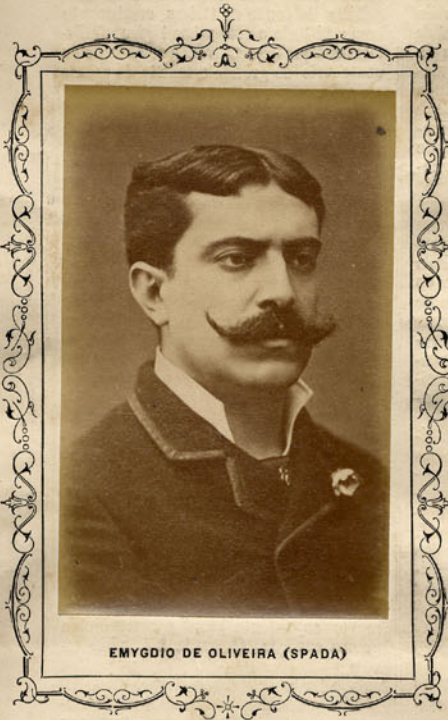
O combatente, cujo retrato ahi está, não é muito antigo, mas o seu trabalho de demolidor tem sido dos mais proficuos. É um lutador moderno nada pusilanime; os seus golpes vibrados ao coromido tronco da velha realza tradicional não tem sido dos menos certos. E a prova está em que, sendo elle novo nas fileiras democraticas, tem merecido a honra de torpes perseguições *encapotadas* da parte dos amigos da monarchia, que, á falta de argumentos solidos com que combater a propaganda energica e logica do homem, cuja phisionomia sympathicamente insinuante ahi se vê, tem-se valido de meios indignos e miseraveis para lhe tornar infructiferos os esforços generosos.

A *Galeria*, publicada e dirigida por republicanos, cumpre, hoje, um acto de justiça, apresentando o retrato de Emygdio de Oliveira no lugar onde tem apparecido tantos outros batalhadores da nova ideia. É um acto de justiça a que não podia airoosamente eximir-se. Convidado para escrever a biographia, que deverá acompanhar o retrato, hesitei a principio por conhecer a insufficiencia dos meus recursos e a falta de dados indispensaveis para o fazer.

Pensando melhor vi porém, que os da-

dos biographicos, que me escaceavam, podiam muito bem deixar de ser conhecidos, sem que por isto Emygdio de Oliveira perdesse o merecimento que lhe encontro, e

nos — e isso me basta — uma consciencia recta de revolucionario convicto, confesso e intransigente, se me permitem o termo.



sem que os leitores deixassem de reconhecer que é elle incontestavelmente um homem para lutar contra as velhas formas. Quanto á insufficiencia intellectual do biographo, será decerto desculpada pelos leitores, que, embora não vejam em mim um escriptor de merito, hão de vêr pelo me-

Emygdio de Oliveira, é natural de Braga, terra onde nasceu... não sei em que dia nem isso me importa, como decerto não importa tambem aos leitores. Se o nosso biographado pertencesse ao alto funcionalismo, que na meza do orçamento roe o succelento osso das mais grossas prebendas, poderia, talvez, saber-se o dia do seu nascimento procurando-o no *high-life* do *Illustrado*. Assim não. Nasceu em Braga, como poderia nascer em Coimbra, em Sautarem ou Setubal, sem que n'isso houvesse nada de extraordinario. Pela mesma razão tanto nos faz que tivesse nascido á segunda feira como á quinta ou ao domingo. E' tudo isso perfeitamente estranho ao nosso intento.

Estudou, aprendeu, fez-se homem, apresentou-se na arena da imprensa a conquistar applausos entusiasticos, cis tudo.

Creio que se estreiou nas lides jornalisticas, collaborando n'um jornal diario do Porto, como correspondente da velha cidade dos archebispos.

Não foi ahi que lhe conheci o nome. Foi no *Jornal de Viagens*, publicação scientifica e educadora, que empreheu no Porto a empreza editora de Ferreira de Brito, que eu conheci a primeira vez Emygdio de Oliveira.

O *Jornal de Viagens* publicou-se muito tempo, sob a sua excellente direcção, e da competencia com que se desempenhou do encargo podem fallar melhor que nós os jornaes da epocha que todos eram concordes em tecer elogios ao hem conhecido semanario geographico portuense.



Approximára-se o centenario de Camões, tão brilhantemente festejado e celebrado por este povo, que tinha aberta, para com o egregio cantor dos *Luziadas*, a divida enorme de trez seculos de esquecimento e que então se ergueu unanime, cheio de entusiastico ardor, a manifestar a sua existencia, fazendo a apothese d'aquelle

«cuja lyra sonora»

immortalisára em versos sublimes as heroicas proezas dos luzitanos.

A empresa do *Jornal de Viagens* fez annunciar a publicação d'um numero unico, d'um jornal especial para commemorar pela sua parte o grandioso acontecimento civico.

Reliro-me ao *Portugal a Camões*, jornal primorosamente collaborado e que se publicou sob a direcção de Emygdio de Oliveira e Hedefonso Corrêa.

E' esta uma das partes que constituem a collaboração de Emygdio de Oliveira n'aquelle imponentissimo jubileu, que foi assombro de portuguezes e estrangeiros.

Creio que a 10 de junho de 1880, dia do centenario, reunia-se a imprensa do Porto, na casa da redacção do *Jornal de Viagens*, a convite de Emygdio, afim de se proceder, por proposta d'elle, á formação d'uma vasta agremiação que ainda existe sob a denominação de *Sociedade de Geographia Commercial do Porto*, homenagem prestada pela imprensa da cidade invicta ao principe dos poetas portuguezes.

A associação fundou-se; e dos relevantes serviços que, incontestavelmente, tem prestado pertence uma parte da gloria ao nosso biographado, cabendo-lhe ainda mais a de ter impellido a imprensa do Porto a cumprir um dever, qual era o de celebrar condignamente o tricentenario de Camões. Se não fora a magnifica lembrança de Emygdio de Oliveira, a imprensa da segunda cidade do reino teria deixado sem commemoração de importancia real o dia 10 de junho do 1880.

Emygdio não pertence já hoje á instituição, que fundou, devido a circumstancias que não vem para aqui dizer-se. No entanto a *Sociedade de Geographia Commercial* ahí está funcionando, sob a presidencia honoraria do distinctissimo escriptor J. P. d'Oliveira Martins e com a adhesão dos nossos principaes homens de letras, politicos, industriaes, etc.

E' a obra de Emygdio de Oliveira.

Um dia appareceram no Porto os prospectos d'um jornal novo, politico, litterario e theatral, que, sob a direcção principal de Emygdio de Oliveira, ia publicar-se. Effectivamente poucos dias depois via a luz publica — A *Folha Nova* — um dos melhores jornaes, senão o primeiro do paiz.

Data de então o pseudonymo de *Spada* com que o nosso biographado firmou sem-

pre os seus escriptos n'aquelle bello diario da tarde. A *Folha Nova*, que nos prospectos se dizia apenas *politica*, apresentou-se na arena desfraldando francamente o estandarte republicano, e o seu artigo programma, breve, incisivo e bem cinzelado, constitue ainda hoje um dos melhores artigos do valente *Spada*.

Creio que dos que lerem estes traços biographicos ninguem desconhecerá os serviços importantissimos prestados ao movimento democratico portuguez pela *Folha Nova*. A realza decrepita, que ahí existe, encontrou sempre no jornal que *Spada* dirigia, um adversario temivel. Todos os abusos, toda a casta de prepotencias e arbitrariedades, encontraram na *Folha Nova* um combatente denodado. *Spada* escrevia quasi sempre o artigo principal, onde deixou bellissimas joias da sua coroa de escriptor.

Por occasião do centenario pombalino, manifestação liberal, que imponentemente a nação ha pouco effectuou, *Spada*, que era um inimigo confesso da seita negra, publicou uma serie consideravel de artigos sob o titulo geral de *Glorias Pombalinas*, que fariam a sua reputação, se ainda a não tivera garantida. Ahí analysou todos os actos mais importantes da vida publica do conde de Oeiras, combatendo com a historia e com a boa logica, os dislates dos que impugnavam a celebração do centenario do grande estadista do seculo passado.

Varios periodicos do reino e do Brazil transcreveram os formidaveis artigos da *Folha Nova*.

Depois do centenario pombalino appareceu na tela da discussão a negociata de Salamanca, ou, por outras palavras, aquelle monstruoso escandalo de se ir construir em territorio hespanhol caminhos de ferro pagos pelos portuguezes. *Spada* stigmatizou desde logo o *arranjo* e emprehendeu uma luta contra o grande escandalo.

Realizados os desejos dos homens do *syndicato* veio ao Porto o chefe do estado afim de assistir ás festas com que os *patriotecas* salamanqueiros celebraram a approvação do *ganhosinho*. Nos trez primeiros dias de festas, a *Folha Nova* sahio impressa a vermelho, como protesto, contra tanta despeza inutil, contrastando com a fome, que lá para o Minho excitava o povo a praticar excessos. A *Folha Nova* foi muito procurada, a isto fez reunir em concilio os homens do *syndicato*, que deliberaram mover ao valente jornal portuense uma guerra covarde. Os *syndicatarios* intimavam os assignantes da folha de *Spada* a suspender as suas assignaturas.

Mau grado dos que moviam esta guerra miseravel, a *Folha Nova* não terminou então, mas só ha pouco suspendeu temporariamente, devendo reaparecer dentro de curto praso, segundo se affirma.

*Spada* vae novamente dirigida, e tanto basta para que tenhamos a certeza de que o jornal será um digno continuador da missão incumbida a todos os sinceros democraticos.

Eis o que sabemos e podemos dizer do valente demolidor. Parece-me que os serviços que deixo enumerados são sufficientes para dar a *Spada* o direito de figurar na *Galeria Republicana*.

A. B.

## O REI BOBECHE E O ESPIRITISMO

I

O mui alto rei *Bobèche*  
Vive um pouco desgostoso,  
Verte pranto copioso  
E a muitos in-pira dô!!  
Anda tão magro e abatido,  
Que Antonio — o *principe caro*  
Para lhe servir do amparo  
Já lhe comprou um *capô!*

Mas a origem dos tormentos  
Do amigo do *caro Antonio*  
Faz rir no inferno o demonio...  
Faz rir até mais alguém:  
Emquanto junto ao monarcha  
Chora a illustre *fidalgua*,  
Que de expansões d'alegria  
O *Zé-jovinho* já tem!

II

Ouvin fallar *D. Bobèche*,  
Em cousas do *espiritismo*;  
E, se en seismos! e anda seismo,  
Seismou elle, e muito mais!  
Mandou chamar a *palácio*  
Um vendedor de *mesinhas*:  
Puchou por oito *roabinhas*  
E comprou uma das taes!

Depois com passo apressado  
Lá foi p'r'o quarto da cama,  
Ous, *segundo* a voz e fama,  
Tem visto o *banito* e o *bon*  
Nas horas em que o sujeito  
Entra n'um *ceu* de delicias  
Levado pelas *caricias*  
Das lindas damas do *tom!*

Fechou a porta por dentro,  
Pondo uma tranca na dita,  
Despiu o *frak* cafta,  
E deu principio á *função!*  
Disse umas rezas, benzen-se,  
Puchou por um *sophá*, sentou-se,  
E com voz mimososa e doce  
Fez a tal *invoação!*

III

Decorridas duas horas  
Sentiu grande *calafrio*:  
O *espirito* — era o de um tio  
Ao convite respondeu.  
Perguntou-lhe o rei *Bobèche*  
Se estava bem em *Li-boá*  
Se tinha segura a *c'róá*  
Que Deus por graça lhe deu!

Perguntou se o *Zé-perinho*  
Lhe não *ferrearia mono*  
Lançando-lhe a terra o *throno*  
Herança de uns *bons avós*  
Se obrigado não seria  
A soffrer *crucis* azares:  
A *lugar* dos *patrios lares*  
Em *marcha* mais que *veloz!*...

IV

Foram essas as perguntas  
Que fez o rei *D. Bobèche*...  
De novo a mesa se *meche*  
E o-rei *tremou* de *pavor!*...  
A resposta que lhe *deram*  
Não o deixou *satisfeito*:  
Um ai lhe *saou* do *peito*,  
Do *rosto* foi-se-lhe a *cór!*

V

— O *Zé*, respondeu-lhe o *tio*,  
«Ja não é *nenhum simplorio*,  
«Tem *famaças* de *finório*»;  
«E ha-de dar-te uma *lição*:  
«Ja sabe quanto tu *comes*,  
«quanto *lhes* tiras a *pele*;  
«E só quer quem muito *zele*,  
«Quem muito *estime* a *nação!*»



«O throno em que tu te sentas  
Não tem nada de seguro;  
Em breve n'algum monturo  
Cairá desfeito em pó!  
E o Zé que já te aborrece,  
E está bem farto de freio,  
Ha-de mandar-te a passeio,  
Do teu mal rindo sem dó!»

VI

Depois de ouvir tal resposta  
Bobete ergueu-se abatido,  
Soltou um tristo gemido,  
Não pôde o pranto suster!  
E nem as graças do Antonio,  
Nem os beijos de Maria,  
Para os braços da alegria  
O podem já devolver!

REKARADO.

## Os dois cavallos da batalha realista

Depois do espantallo da intervenção estrangeira, os grandes argumentos, a que se soccorrem os realistas, para justificarem o seu ignobil fetichismo, são os seguintes:

Primeiro, que o partido republicano portuguez não tem um homem para a presidencia do estado;

Segundo, que o mal, de que nos queixamos, não provem das instituições mas dos homens, e que por tanto não vale a pena preoccupar-se a gente com a questão da mudança de regimen.

Estes dois cavallos de batalha não valem dois caracões para quem vê alguma coisa adiante do nariz. Como porém os realistas lhes dão uma grande importancia, e suppõem que nos embaraçam com elles, vamos reduzi-los por uma vez ás suas verdadeiras proporções.

Em primeiro logar. Que habilitações exigem os senhores realistas ao chefe de um estado monarchico? Submettem-n'o a algum exame previo? Escolhem-n'o entre os cidadãos mais honestos, mais sensatos, e mais illustrados?

Não.

E' o acaso, e somente o acaso que lhe dá o direito de reinar. E que direito! O de legislar por intermedio dos seus representantes na camara alta, o d'administrar o paiz inteiro por intermedio dos seus ministros e dos seus delegados nos districtos, nos municipios, e nas parochias, o de contrariar a vontade nacional por intermedio do veto e da dissolução, o de fazer e desfazer a justiça por intermedio dos juizes da sua escolha, e do perdão, etc., etc.

De modo que um rei que concentra nas suas mãos mais poderes que o chefe d'um estado republicano pôde ser um patife, um pulla, ou um idiota, porque os seus fieis vassallos nada terão que observar. Mas n'um estado republicano, onde a administração está dividida pelos districtos, pelos municipios, e pelas parochias, e onde por tanto o presidente tem menos funções a seu cargo, querem os realistas um semidens, um homem d'estatura homerica! Para elles basta o acaso, para os outros não é sufficiente garantia a liberdade da escolha!

Que imbecis!...

Em segundo logar. Sabem os medianamente illustrados que as instituições politicas, dignas d'este nome, como os estatutos d'uma companhia, ou um simples instrumento, lavrado por um tabellião, se

estabelecem para garantia reciproca dos homens, constituídos em sociedade. Sabe toda a gente que, se os homens fossem perfeitos, e incapazes de transpor os limites dos seus direitos, não teriamos necessidade de governos, e poderiamos realisar a ultima aspiração da sciencia politica, a anarchia.

D'aqui resulta: *primo* que as questões sobre as fórmias de governo são d'um interesse vital para as sociedades; *segundo* que as melhores instituições politicas são as que garantem mais seria e efficazmente os direitos individuaes contra as tentações da imperfeição humana.

Logo, precisamente pela razão invocada pelos realistas — que o mal provém dos homens, e não das instituições — é que os cidadãos dignos e generosos devem tomar a peito a questão das fórmias de governo, e trabalhar por aquellas que melhor possa corresponder á sua missão.

E, como n'um regimen republicano, constituído segundo as prescripções da sciencia moderna, o estado é uma delegação temporaria com poderes limitados, e sujeitos ao contrapezo da responsabilidade, claro está que não soffre contestação seria a sua superioridade sobre o estado monarchico que se resume no rei, producto do acaso do nascimento, irresponsavel, e immovel....

Vê-se pois que os realistas são tão desastrados que com as suas proprias armas se ferem.

JACINTHO NUNES.

## As reformas da monarchia

Communica-nos a voz possante da Historia, voz que ninguem abafa e que os tempos, no seu declinar destruidor, não conseguem enfraquecer, que houve um rei, chamado Durst, que assolava a Escocia pelos annos de 600 a 607.

Esse rei, como todos os outros, antigos ou modernos, bons ou maus, era um contraseno e um flagello atirado sobre o seu povo. Debochado e incestuoso, como Alexandre Borgia, bebia, como Byron, pelo craneo das suas victimas o sangue das ovelhas que sacrificava, quando não perferia vel-o espadanar por entre as labaredas do holocausto infame, acceso pelas suas proprias mãos assassinas.

Os escoceses, transidos de terror, expoliados, horrorosamente abatidos por aquelle demonio coroado, accordaram um dia á voz da nobresa e conspiraram heroicamente contra o tyranno.

Durst tremeu deante da agitação popular, acobardou-se, porque todos os reis tem a consciencia da propria inutilidade e todos os inuteis a certeza da propria coardia. Que fazer para salvar-se de tão apertado lance? Resistir? Mas pôde, por acaso, perfurar o punhal d'um rei scelerado o arnez que resguarda o coração d'um povo que tem a convicção da propria força e que sente a justiça da rasão e do direito?

Tudo isto perguntou a si mesmo Durst e, vendo-se impotente para lutar, achou-se comtudo poderoso para vencer, illu-

dando, enganando os revoltosos, chamando-os, acariciando-os, para depois mais fundo lhes vibrar o golpe mortal.

Desde que concebeu esta infernal ideia, deixou de ser o tigre astuto e selvagem que cevava as garras e as fauces nos peitos palpitantes e generosos dos escoceses, para se tornar a raposa ardilosa, que se finge morta para escapar, pela inexperiencia do caçador, ás consequencias da sua voracidade.

O rei *arrependeu-se*, jurou seguir em tudo a vontade dos seus vassallos, prometteu reformas e até nem sabemos se fez confissão geral aos padres da sua religião.

Armada a cilada o povo, o pobre povo, que nunca tem a consciencia dos seus actos, senão nas occasiões mais criticas da vida, acreditou n'aquelle arrependimento e os chefes da revolução aceitaram o offercimento d'um banquete, onde o rei devia firmar as suas promessas.

Organizou-se o festim. A musica estrondeava alegremente, os liquidos espumavam nas taças, os convivas tinham já na voz as vibrações nostalgicas da ebriedade. O rei sorria. De repente a larga mesa voa em estilhaços, impellida pelos braços robustos dos granadeiros da magestade, os carrascos apossam-se dos convidados, as suas cabeças foram decepadas e n'esse dia o corpo de Durst teve abundancia de sangue e a valla do coveiro fartura de carne humana.

Durst morreu depois, victima d'uma balla vingadora, recebida no campo da batalha, quando os seus esquadrones esmagavam e assassinavam o povo inerte, a quem os carrascos, no dia e á mesa do banquete, haviam degolado os chefes.

Uma balla! Honroso epilogo para a vida d'um bandido!

A nossa monarchia fornece largos pontos de contacto com o procedimento do rei escocoz. Ninguem ignora, ninguém, por mais imbecil e parasita que seja, se attreva a contestar que essa choldra, que para ali se chama governo, é, tem sido e sempre hade ser a personificação do desvario, da infamia e da corrupção. Tripudia-se, rouba-se e não se degola, porque ha medo; — é justo acreditar-o, se compulsarmos a Historia que, desde D. João IV, o *executor* do pobre cutileiro vimarenense, até á senhora D. Maria II, a introductora de exercitos estrangeiros em terras de Portugal, nos demonstra que todos os Braganças tem sido sanguinarios, debochados, incestuosos e por vezes assassinos.

Quando o povo soffre, quando a agricultura está sem braços e sem auxilio, a instrução nas vascas da fome, o credito nos monturos das viellas, a honra nacional no alcouce do universo — el-rei viaja, promove os *reaes penhores* a tenentes de qualquer coisa, caça moscas e, se não faz gymnasticas, é que lh'o prohihe um largo tecido adiposo que lhe sobrecarrega o abdomen.

N'este meio, em que tudo quanto é digno e urgente se lança ao ostracismo, em que os governos extinguem fartamente a nação, em que o rei é irresponsavel e o povo roubado — a monarchia promete,



seguinte as pisadas de Durst, reformas melhoramentos e economias!

Que clowns! que clowns!

O povo lá vae labutando, assiste ao festim, mas não bebe como os revoltosos da Escocia, isto para não ser degolado pelos paladinos do sr. Fontes. É verdade que agora, na estação do inverno, não tem camisa, mas inda tem pelle, — o que já não é pouco. Vê os filhos sem instrução, o armario sem *conducto*, a honra nacional despresada, mas vae, de quando em quando, descascando os marmeleiros e desencravando as espingardas.

É que essa grande consciencia preventiva do povo, antevê que o dia da batalha se aproxima. O Durst que tem a matar-se é a monarchia constitucional e o sangue que tem a correr é o sangue dos traidores e dos expoliadores da patria.

Estamos em 1882, não em 607, estamos em Portugal e não na Escocia.

Que attendam a isto os Bovadillas d'estes novos Colombos que descobriram o *novo mundo* da emancipação popular, que attendam e que bestuntem sobre o assumpto.

As reformas da monarchia não illudem ninguém. A carta reformada, ou por reformar, não nos serve. Usem-a e gastem-a em serviços caseiros, á mingoa de diplomas de commendas e de escripturas de syndicatos.

O povo não dorme, vê-la!

Lisboa

ERNESTO PIRES.

## A instrução primaria

### EDUCAÇÃO INTELECTUAL

Determinámo-nos a escrever alguns artigos sobre a nossa instrução primaria actual, e, n'esse intuito, começamos por fazer algumas reflexões sobre o ensino intellectual, o mais difficil, decerto, que se ministra nas escolas infantis.

Bem attendidas todas as necessidades da educação, consideradas no seu valor absoluto e relativo, apreciadas bem na sua mais positiva utilidade, mostra-se-nos claramente o ensino intellectual não só como o mais importante, mas ainda como aquelle de que todos dependem.

Mas como é que se ministra este ensino? Far-se-hão, por ventura na escola talentos e intelligencias? Não. Não se fazem, decerto, comtudo, desenvolvem-se. O nada de produzir este desenvolvimento, de realisar essa transformação, é que é a difficuldade, e é onde existe, por ventura, a maior entrave de todas os pedagogistas.

Faz-se o ensino physico por meio do desenvolvimento dos sentidos corporaes; e por que não se fará o ensino intellectual? pelos sentidos da alma é claro. Mas evidente é também que se os sentidos exteriores se devem applicar proporcionalmente entre si, aos interiores, se applicaria esta mesma regra, sem a qual todos os esforços serão improfficuos.

Não é assim, porém, que mais ordinariamente se procede entre nós a despeito

mesmo do muito que se fallia por ali nos aperfeiçoamentos do ensino.

Sempre o elemento — *memoria* — prevalecendo, sempre com mais ou menos intensidade o ensino fradesco a preponderar! Para que se fallia então nos grandiosos melhoramentos do ensino, que, por assim dizer só existem nas conferencias, ou nos çavacos particulares?

Não se julgue, porém, que é intento nosso desconsiderarmos o professorado, nem tão pouco lançarmos a luva a essa briosa classe, de que, de mais a mais, somos um dos mais insignificantes membros. Não, não é isso. Queremos tão somente evidenciar, quaõ defeituoso está o ensino, não para o remediarmos, pois bem convencidos estamos da nossa insufficiencia, mas para um desabafo, ao menos.

Temos visto os exames de instrução primaria, e é por elles que verdadeiramente fazemos a nossa apreciação, pois é ali que se patenteia bem a verdade do que avançamos. Sempre a memoria das creanças occupada, preenhe de definições e algumas até absurdas, mas a comprehensão o raciocinio esses abandonados, uma coisa inutil ou de mero luxo.

Se os exames são assim, como será o ensino? da mosma forma, está claro. E que vá para lá algum alumno sem que leve essa *envernisadella* de respostas que não percebe, e de definições que tarde ou nunca comprehendera, e diga-nos depois o que lhe aconteceu: — reprovado, com todo a certeza.

E por isto que avançamos que o ensino intellectual, é muitissimo deficiente entre nós, e que carece de prompto remedio.

Esfallam-se as creanças decorando longas tiradas de compendios volumosos e no seu conjuncto mal dispostos, apresentam-se a um exame, que é no fim de contas, bem considerado muitissimo difficil, e no fim de contas para qué? Para não ficarem sabendo nada, pois se feito o exame não continuar nos estudos, se possam applicar-se a uma arte ou officio, dentro em pouco nada mais sabem do que ler, que lhes fica sendo o unico fructo proveitoso que na escola colheram, gastando n'isso, comtudo, quatro ou seis annos!

Voltemos porem os olhos para os livros usados na nossa escola primaria, pois d'elles muito temos que dizer, o que faremos n'outros artigos.

C. DA S.

## CHRONICA

Reina um terror panico nas regiões officiaes. A eleição do Funchal, em que o nosso valente e denodado correligionario, dr. Manoel d'Arriaga obteve uma maioria estrondosa sob o chefe do partido progressista, encheu de susto e de assombro essa velha e carcomida cousa, que para ahí vegeta, com o titulo pomposo de monarchia constitucional.

Fontes, olympico, mandou preparar uma esquadra para bombardear os *indigenas* da Madeira — aquelles *indigenas*, que tiveram o *desaforo* de votar n'um homem serio e independente. Bem se vê que a monarchia só da guerra e da mise-

ria vive e pela guerra e pela miseria se alimenta. Poltrões!

Saudemos, no ontretanto, com todo o entusiasmo, com toda a sinceridade esses valentes republicanos do Funchal, que, ao mesmo tempo, pelo seu proceder nobilissimo souberam inflingir uma severa lição aos poderes constituídos e deram mostras de uma isenção sem igual e de uma superioridade unica, n'esta sociedade de mediocres e de impotentes.

Hurrah! pela republica!

Em Lisboa, os republicanos provaram mais uma vez quanto o numero dos seus adeptos tem augmentado, e quanto tem sido profiqa e utilissima a propagação entre nós.

No circulo 98 os republicanos tinham obtido nas ultimas eleições geraes, em luca com progressistas e regeneradores, a totalidade de 673 votos. Agora dando-se a mesma circumstancia de haver uma manifesta colligação monarchica contra elles, obtiveram 801 votos. Uma subida de 36%. Nem mais nem menos!

No circulo 97, onde não havia trabalhos organizados, e onde o candidato republicano obtivera duzentos votos nas ultimas eleições, houve no dia 5 de novembro a honorrissima votação de 336 votos. Nada menos de 75% a mais!

Pomo, bem caro, deixa que os monarchicos barafustem á sua vontade. Elles estão perdidos. O medo invade-lhes o corpo; a covardia tomou-lhes o movimento e a razão. De modo que, em boa verdade, elles são uns ineptos e uns poltrões.

Confieemos no nosso grande trabalho de demolição, disciplinados, unidos e crentes no futuro.

A' sombra da republica trabalhemos sempre e invariavelmente, sem treguas nem repouso, pela regeneração da nossa patria querida.

Viva o partido republicano!

SILVIO.

### Publicações recebidas

*O marquez de Pombal e o jesuitismo*, é o titulo do discurso que o nosso illustre correligionario e amigo, dr. José de Castro, proferiu no salão do Monte-pio Citaense em a noite de 8 de maio, commemorando o 1.º centenario do grande estadista, e que acaba de ser impresso em livro. O volume é a todos os os respeitos digno de ler-se. Agradecendo os exemplares com que nos honrou, pedimos desculpa de não termos acusado mais cedo a sua recepção, devido á falta de espaço de que dispomos.

## Expediente

Por motivos imprevistos não podemos dar este numero o retrato que haviamos anunciado; dal-o-hemos no seguinte, se podermos vencer as difficuldades que nos suggeriram.